



FLÁVIO DUTRA

E o Natal está aí de novo, fechando um ciclo de eventos que deveria servir para reunir pessoas em grandes demonstrações de afeto, mas que foi capturado pelo consumismo e serve também para promover vendas de fim de ano e para sugar o décimo-terceiro salário de quem trabalha. O professor Luís Augusto Fischer, diz que está entre aqueles que sabem que o Papai Noel (ícone que substituiu o Menino Jesus como símbolo natalino) foi criado por uma campanha publicitária da Coca-Cola depois da Segunda Guerra. E que não pode alegar inocência diante dos bastidores da fábrica de emoções que é a narrativa televisiva. Mesmo assim, acaba sempre se entregando aos sentimentos exacerbados de fim de ano e, por isso, se pergunta se isso não é uma necessidade atávica de se entregar às emoções ao término de cada ciclo anual. Mas a professora Tania Galli Fonseca acha que precisamos esgotar o Natal, preservando as mãos abertas, liberá-lo do capital, rasgar-lhe a velha fisionomia. Ela diz que precisamos de um Natal que funcione como plano para nos fazer passar para outro meio, sem o sinal das artimanhas do capitalismo, do consumismo, do fetiche e da fantasia de felicidade.



## Algo muito antigo

Luís Augusto Fischer\*

Fim de ano me pega sempre pela emoção: não tem jeito de evitar o bololô afetivo que mareia os olhos e de vez em quando chega ao choro. Nem estou falando de encontro com parentes, jantar de Natal ou ritual de passagem de ano; me refiro ao clima mesmo, um ar impregnado de tensões afetivas, recordação de infância, desejo de felicidade, tudo isso junto e, vivendo nós no tempo em que vivemos, neste mundo regulado pela lógica da mercadoria, tudo isso embalado pra presente, em várias vezes no cartão.

Para minha sorte não sou consumista, ou pelo menos não compulsivo, nem mesmo de livros. Mas nem essa pequena resistência interna me livra da emoção induzida. Eu sou daqueles que vejo o Jornal Nacional e sinceramente me emociono com a bicicleta dada de presente por um anônimo para um menino de escola da periferia. Fazer o quê?

Por outro lado, eu estou entre aqueles que sabem que este Papai Noel foi criado por

uma campanha publicitária da Coca-Cola, modalidade tão esquisita de tradição forjada quanto outras, a exemplo do nhoque do dia 29, invenção de uma fábrica de massas de Buenos Aires, também depois da Segunda Guerra. Sei também que três gerações atrás, até os anos 1930 e 40, era no Dia de Reis, o 6 de janeiro, que se davam presentes para gente como meu pai, na trilha da tradição cristã. E não posso alegar inocência quanto aos bastidores da fábrica de emoções que é a narrativa televisiva, seja ela a do jornalismo de espetáculo ou a da telenovela. Então a pergunta é: por que é que eu caio sempre na esparrela da emoção exacerbada de fim de ano?

Vai uma hipótese: é porque realmente há algo de necessário na emoção do fim do ano.

*A emoção de fim de ano será evocação da consciência pública de um lado cíclico da vida?*

cíclico, um poderoso lado cíclico.

Enquanto estivemos bem próximos da vida rural, a força dos ciclos se impunha por assim dizer ao natural; mas depois que a cidade ganhou a parada quase perdemos de vista a sensação, magnífica e terrível, de que há ciclos, regulados por forças superiores à razão. A luz elétrica nos torna donos do ciclo do dia e da noite; o mercado nos passa a

Necessário nas culturas letradas e sofisticadas, necessário na tradição cristã, hegemônica no Ocidente (pelo menos desde uns séculos até o presente), mas possivelmente necessário como evocação de algo muito mais antigo ainda – a consciência pública, compartilhada com amigos e parentes em algum ritual, de que a vida tem mesmo um lado

ilusão da linearidade, com um fim absoluto lá na ponta, a mercadoria, que manda em nós; em sentido amplo, a modernidade inventou a utopia, ilusão também finalista, que promete um mundo perfeito lá no fim, mundo perfeito que é a encarnação recente das velhas promessas de céu.

Aí a gente vê um amigo doente, ou percebe assustado que o resultado do exame deu um sinal de alerta, ou vê o pai morrer. E aí o amigo se recupera e retoma a vida normal, ou a beleza da fruta da estação exposta no súper requer uma raríssima atenção nossa, ou a gente assiste o parto do filho. Ciclos que recomeçam e vão adiante, deixando pra trás pedaços da experiência; ciclos que nunca dominaremos com precisão; ciclos que reencenamos, na marra, a cada fim de ano.

\*Professor de Literatura Brasileira da UFRGS, autor de *Quatro negros*, entre outros livros

## O Natal por vir

Tânia Mara Galli Fonseca\*

“O fim está no começo e no entanto continua-se.”

Samuel Beckett

Estamos no Natal. Mas o Natal não pré-existe. É preciso traçar um círculo em torno de seu centro frágil e incerto, roer-lhe o rosto habitual e automatizado, convocá-lo como espaço que nos revitaliza e acolhe as forças germinativas de uma tarefa a ser feita. Selecionar, eliminar, extrair, não deixar submersa uma vez mais a potência da ocasião para reinventar aquilo que padece da tendência de se parecer sempre consigo mesmo, tão tradicional e compulsivo. Marcar território, traçar um círculo para uma outra fundação, sem afundamentos.

Depois, entreabrir-se, chamar alguém ou sair em busca, deixá-lo entrar... abrir o território para um futuro, fissurar a linha do círculo para ir ao encontro de um Fora. Improvisar o Natal, sair do Natal do passado e traçar linhas de errância, mesmo que ainda apoiados tão somente no corrimão de uma cançãozinha recém-aprendida. Situar o Natal entre o passado e o que pode vir. Colocá-lo no interstício, dar-lhe a chance de ganhar ritmo de pulsação, de ser tanto dia como noite, de ser passagem para o incomensurável que nos surpreende.

Precisamos de um Natal que funcione como plano para nos fazer passar para outro meio, aterrissar, amerrissar, alçar vôo. Arremessar na cena de Natal as marcas trágicas e paradoxais de nossa condição de humanos, marcá-lo pelo nosso combate contra o que ele tem sido e ao que nele se tem produzido: não desejamos o Natal como sinal das artimanhas do capitalismo, do consumismo, do fetiche e da fantasia de felicidade. Poderíamos querer erigi-lo como signo para dele extrair e dilatar sentidos.

Precisamos esgotar o Natal, mas ainda preservar as mãos abertas. Liberá-lo do capital, da submissão ao amor como palavra de ordem, da tolerância como signo da inclusão, da mercadoria como recompensa e reconhecimento. Rasgar-lhe a velha fisionomia, inscrevê-lo em outro fluxo da história, fluxo dos tempos de homens e mulheres que se fazem à altura de sua própria condição de viventes, desamparados para sempre das certezas definitivas, inscritos em movimentos a contrapelo da história do presente.

Descobrir que se pode viver junto, pois, desde sempre, não possuímos senão distân-

*Precisamos liberar o Natal da submissão ao amor como palavra de ordem*

cias, e trata-se de criar um meio que torne possível a coexistência de um máximo de multiplicidades. Reagrupar as forças de nosso território existencial de modo a fazê-lo um lugar onde todas as forças se reúnam, num corpo-a-corpo de energias.

Colocado como meio, o Natal pode vir a ser esse corpo-a-corpo, esse centro para o qual peregrinam múltiplas forças e o transformam em pátria desconhecida, terra nova. Dar chances ao Natal para que se marginalize do código dominante, se defase e diferencie. Esgotá-lo daquilo que nele temos impregnado. Localizá-lo ali onde não o suportamos mais, ali onde não mais o acreditamos e desejamos. Tocar o seu insuportável, dar voz à nossa longa queixa de tristeza natalina, pois desde sempre nos sabemos fora de qualquer Natal.

Chegar ao fim da linha e nos forçar a buscar o desvio, porque o caminho de que nos servíamos como transporte, já não nos leva mais a lugar algum; apenas nos deposita numa espécie de dissipação, de nevoeiro branco e nervoso que insiste em nublar a visão que temos de nós mesmos. Produzir o

Natal como desvio, como criação de um meio próprio para o nosso tropeço.

Natal paradoxal, que desnaturaliza o equívoco do Natal em nós. O Natal não está dentro. Ele se situa Fora de nós e sempre que o buscamos dentro, corremos o risco de encontrarmos somente aquilo que já foi, aquilo que não se renova, aquilo que nos erige como ruína sem esperança.

Não se trata de encontrar a nós mesmos. Trata-se de sair, libertar o devir, desengatar a série monótona, inócua e previsível. Sair do Natal mecânico para produzir a máquina do Natal que nos autoriza a renascer em nossa vontade de potência, porque nos coloca no ponto de esgotamento de nossas velhas vias de existir em comum.

Há, sim, um certo Natal de onde precisamos sair. Natal das origens, das promessas, da longa memória. Fazer um Natal do presente, impregnado de um tempo que a todo o momento se bifurca em passado e futuro. Reaver os natais perdidos, encarquilhados na opaca brancura de nosso esquecimento. Produzir o Natal que ainda não foi vivido, não o último Natal do último homem, mas o Natal do além do homem e que se encontra à espera como um Natal por vir.

\*Professora do Instituto de Psicologia da UFRGS